

# Serviço tenta localizar parente

Há 23 dias, a ambulância do Corpo de Bombeiros deixou no Hospital Universitário (HUB) um paciente embriagado que foi encontrado na rua sem nenhum documento. Aparentando ter 60 anos, ele foi imediatamente internado e permanece até hoje na enfermaria sem conseguir pronunciar ou escrever seu nome. Preocupado com a situação, o Departamento de Serviço Social do HUB resolveu procurar a imprensa para tentar um contato com a família, porém depois de vários anúncios em rádios da cidade nenhum parente apareceu para identificar o paciente.

O chefe da Divisão Médica do HUB, Joel Paulo Russomano contou que casos como este são comuns no Hospital. "Diariamente chegam pessoas embriagadas na emergência, sem seus documentos, só que em poucos dias elas recuperam a memória e contam seu nome e seu endereço", explica Joel. Na enfermaria, o paciente vem sendo chamado pelos médicos e enfermeiras de Manoel, mas raramente ele responde a qualquer estímulo. "Ele sofreu um derrame, e é por isso que estamos preocupados, já que a recuperação da fala deve ser lenta e até lá não teremos mais nenhuma informação sobre a história do paciente", afirma o médico, que já presenciou vários casos de óbito dentro do Hospital em que as famílias não apareceram para reconhecer o corpo. "Nestes episódios temos que cumprir uma série de normas jurídicas", completa Joel Russomano.

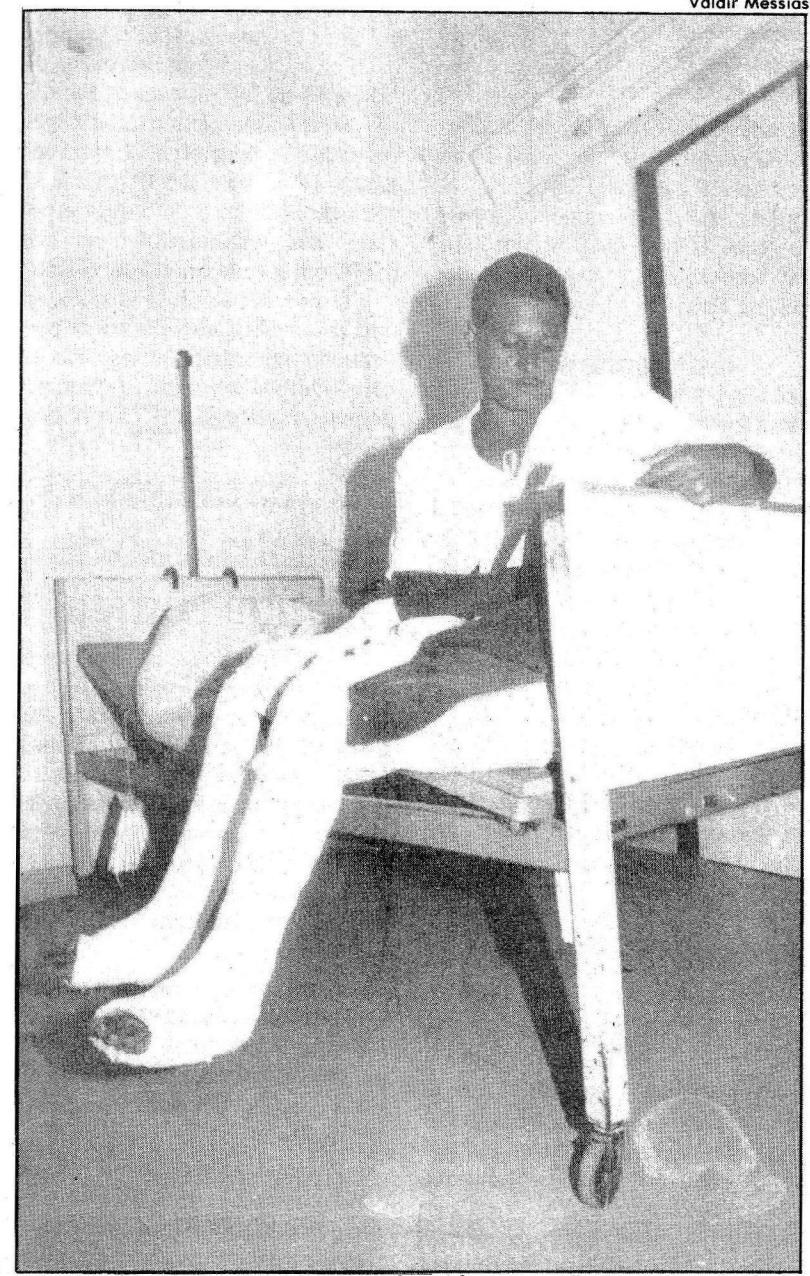
**Rejeição** — Edilson Pontes tem apenas 14 anos e sofre de problemas renais graves. Há seis meses ele está internado fazendo um tratamento que poderia ser feito em casa. "Só que todas as vezes que o liberávamos, quando ele voltava para fazer a diálise, estava praticamente desnutrido. Ou então quando solicitamos que a família venha pegá-lo, eles não vêm e o menino fica aqui ansioso e angustiado", afirma a coordenadora do serviço social do

Hospital Regional de Taguatinga, Josefa da Silva Nogueira. Ela contou que Edilson mora em Santo Antônio do Descoberto e é o filho caçula de uma família de cinco irmãos. "Eu gosto mais daqui do que de casa", afirma com dificuldade Edilson, sem conseguir explicar o porquê e mudando de opinião rapidamente, depois de constatar as expressões de surpresa de seus ouvintes.

O lavador de carros Edvaldo Bezerra, 26 anos, está internado há cinco meses na enfermaria ortopédica do HRT. Em agosto, ele recebeu Cr\$ 150 mil e foi comprar uma calça e uma blusa pois suas roupas estavam muito sujas. "Desde menino que moro na rua, mas sempre gostei de andar limpinho. Nesse dia por mais que eu procurasse uma roupa para comprar não encontrava nenhuma que meu dinheiro desse para pagar", explica Edvaldo.

No seu entra-e-sai de lojas Edvaldo parava toda hora para beber cachaça com café. Foi então que já bastante embriagado, ele atravessou a rua principal de Taguatinga e foi atropelado. "Eu só senti que estava voando", explica. Hoje Edvaldo está internado e corre perigo de não andar mais, os médicos já deram alta para que seu tratamento fisioterápico fosse feito duas vezes por semana no Hospital. "Mas eu não tenho para onde ir, a única tia que tenho em Brasília disse que não quer me ver nem pintado", conta Edvaldo.

O serviço social do HRT já conseguiu uma vaga para Edvaldo na Casa de Deficientes Físicos de Brasília. "Só que para ele ir para lá, precisa de uma cadeira de rodas e até hoje não arranjamos nenhuma para dar-lhe, apesar de agora ele ser o primeiro da fila", explica a assistente social. Ela contou que um dos principais problemas de trabalho dos departamentos de serviço social dos hospitais é a falta de verbas e a ausência de uma entidade assistencial conveniada com a Fundação Hospitalar. (A.B.M.)



Edvaldo Bezerra, no HRT, já recebeu alta mas não tem para onde ir